

CARLOS VALE FERRAZ

O GÉMEO DE OMPANDA E AS SUAS DUAS ALMAS

Lisboa, Porto Editora / 2022

Retomando a temática colonial que tem distinguido a escrita de ficção de Carlos Vale Ferraz desde o seu romance de estreia, *O Gémeo de Ompanda* antecipa desde logo os seus propósitos humanistas a partir das cinco dedicatórias, seguidas de breves notas introdutórias, que abrem o livro. Convocando o Padre Vieira e Fernando Pessoa, duas das dedicatórias recortam intertextualmente a moldura interventiva desta obra: um romance que é chamado a cumprir uma certa pedagogia político-moral dirigida ao *português* — em particular “o português da saudade imperial” (p. 7), segundo a taxonomia imagológica que aí se atribui a Pessoa — enquanto caso particular de uma espécie humana de cujas virtudes fundamentalmente se descrê, mas ainda assim não se desiste de educar. Entre a desconfiança na humanidade e o compromisso social e moral, entre a melancolia e a energia reformista, o livro de Carlos Vale Ferraz não deixa de ser, ao mesmo tempo, um livro de memórias pessoais e biográficas, literariamente transpostas, com as quais e a partir das quais se conta “uma história sobre a colonização e o colonialismo português em África” (p. 9). Mais precisamente, uma história anticolonialista e/ou pós-colonialista relatada pela perspectiva de um autor-colonizador ainda não totalmente conciliado com o passado e a experiência traumática da guerra, um autor que comete à literatura a responsabilidade pelo resgate da História, inventando uma outra estória onde as diferenças (culturais, civilizacionais), assumidas, não estorvam aquilo que de comum se “quis salientar” (*id.*): “questões essenciais” (p. 10) de sobrevivência e relacionamento mútuo com as quais todos os seres humanos se confrontam.

Fundem-se, desta feita, no romance duas grandes linhas estruturantes. Por um lado, uma linha documental ou testemunhal — já reconhecível em *Nó Cego* (1983), o primeiro romance publicado do autor —, que se insinua na grande proximidade da diegese à matéria histórica, por aí convergindo com as mais típicas poéticas e processos literários dos realismos e das suas agendas morigeradoras. O sistemático *engate* da narrativa no real empírico é garantido ao longo dos onze capítulos do livro e das perto de duas centenas de páginas que o constituem por uma profusa informação factual, com

dupla referência portuguesa e angolana, ora de cariz social, económico, político ou geográfico, ora de teor cultural e linguístico (um copioso glossário angolano incrustado nas falas das personagens vai repondo termos, ditos, topónimos, rituais, sentenças de um saber ancestral africano). Essa informação que, em alguns momentos, se detalha ainda em notas (ora de autor, ora de editor), esclarecendo quem lê sobre datas e personalidades ou sobre arquitetura e fauna locais, deslocando a escrita para um território instável entre a ficção e a crónica ou o ensaio histórico (na senda de uma *fact fiction* que tem vindo a interessar o autor), e complexificando o recorte genológico do livro. Ao ponto de não ser totalmente evidente se a literatura se exerce aqui como um meio ou como um fim, se se entende como pretexto ou como ponto de chegada. Esta preocupação contextual do autor-narrador, que se estende para fora da diegese e atinge o pano de fundo histórico, parece conciliar-se, aliás, com o que no plano da semântica romanesca se vai configurando como uma certa gramática das *circunstâncias* através da qual o desenrolar da ação ou a psicologia das personagens nos vão sendo apresentados e explicados: “Andar não depende do destino, mas de colocar um pé diante do outro” (p. 16). É como se a este narrador onisciente, em que continuamos a reconhecer um “cicerone ideológico do leitor”, como observava João de Melo a propósito do romance de 1983, que interpreta a História acontecida e a estória construída importasse afirmar, catarticamente, uma racionalidade pragmática e desmitologizadora, sobrepondo-se a uma crença fatalista no destino e a uma lusitana fé nas virtudes persuasoras das palavras. Mesmo se com essa metaliteratura em negativo se compromete, afinal, um potencial propósito pedagógico por trás do livro: “(...) os portugueses foram educados na tradição dos contos d’*As Mil e Uma Noites*: a acreditar que através da conversa e conselhos é possível alterar a Natureza, desde que a conversa inclua uma intriga e uma fé, que utilizando a palavra é possível exhibir todas as virtudes sem ter nenhuma, e justamente apreciam um livro clássico em que um santo homem repreende os peixes e eles deixam de se comer uns aos outros” (p. 164). Ainda assim, o respaldo no circunstancial não impede uma regular propensão para o lance aforístico, seja da parte do narrador heterodiegético, seja da parte da protagonista feminina que se autoapresenta no antecapítulo do livro (“- Eu sou Aliene. Comecei a saber que todos somos diferentes por ausência de um olhar.”; p. 11), desdobrando a voz narrativa desta vez de dentro da história, ainda que em análoga clave cética.

Por outro lado, regressando aos principais eixos estruturantes do romance, a interseção esta vertente documentalista desenha-se uma linha memorialista e

ficcionalizadora particularmente evidente na gestão não cronológica do tempo narrativo em que sucessivas anacronias moldam uma perspectiva conscientemente subjetiva do que é narrado. Como declara o autor na introdução ao romance: “Escrevo com o meu passado”, como declara o autor na introdução ao romance, assumindo por via dessa mesma declaração a revisitação pessoal da História (de Portugal e de Angola no século vinte), a História “como eu a vejo” (*id.*).

A profunda crítica à colonização e ao missionarismo português e europeu encarados como um exercício de força, de ocupação violenta e de assimilação indiscriminada de especificidades identitárias e culturais é decantada não só pela visão do narrador, mas também pela tripla voz das personagens principais do romance, todas elas culturalmente mestiças e híbridas, personagens *entre mundos*, à procura da sua identidade precária no triângulo de amizades que entre si se vai desenhando, desde a infância à idade adulta: Aliene, a *estrangeira* branca nascida em Angola, mais tarde professora de inglês e depois funcionária das Nações Unidas num campo de refugiados; Francisco Boavida, um branco de ascendência aristocrática educado por negros, que há de licenciar-se em Direito, por Coimbra, e sucumbir à tentação das drogas; e Atsu, o gémeo negro de Ompanda, salvo à nascença de uma maldição do povo cuanhama e resistindo, até à sua morte, a ser cristianizado e europeizado, apesar da formação em virologia que viria a obter em reconhecidos centros de investigação europeus. Figuras marginais, cujas psicologia instável e sexualidade anómala o romance acentua (por vezes no limite do plausível), é através da biografia ficcional dos três amigos — desde que eram crianças em Angola, passando pela educação na metrópole até ao seu reencontro, já adultos, na terra africana e ao regresso final à Europa — que se recapitula *uma* história de Portugal e de Angola, num tempo narrativo condensado, abrangendo o período colonial e a descolonização, com a vinda dos *retornados* e o drama da readaptação ao lugar de origem. O rasto de memória(s) que a viagem romaneca perpetua é, porém, de alcance muito mais vasto. Num certo sentido, além do enredo e da referência temático-epocal mais direta, *O Gémeo de Ompanda* constitui um balanço agonístico da epopeia expansionista portuguesa, e ocidental, nos seus mais trágicos desfechos, em que se recorre também à memória dos textos. No vasto *speculum* intertextual do romance, destacam-se, entre muitas outras, referências a Camões, a Fernão Mendes Pinto, a Garrett; sirva de exemplo esta alusão ao prédio arruinado de Atsu, no Cais do Sodré, metáfora da decadência nacional que não deixa dúvidas quanto às suas ressonâncias literárias: “O prédio cheirava a mofo e a maresia, à decadência de

porto imperial. (...) Um prédio construído sobre as lamas, entre o rio e o mar, do que já haviam sido os estaleiros da construção das naus das rotas e comércios com a Índia e a África, desde sempre também esgoto das colinas do Bairro Alto e do território às suas costas. Lamas históricas, incluindo os habitantes” (p. 184).

Talvez o que de mais inovador nos traz este novo romance de Carlos Vale Ferraz resida na sua forma de narrar, arrojadamente fragmentária e metaléptica, com forçosas consequências ao nível da legibilidade do texto. Além das já mencionadas anacronias, que impedem uma narração em linha reta, e da proliferação de distintos registos discursivos (diarísticos, epistolares, de opinião), destacados em itálico ao longo das páginas, a escrita adota aqui um certo modo cinematográfico de se apresentar que acentua a sua já potente fragmentariedade. Cada um dos capítulos do livro, assim como o antecapítulo de abertura, surge graficamente dividido (por asteriscos ou pequenas vinhetas) em diferentes sequências, enquanto a voz narrativa se reparte, como dissemos, entre um narrador fora da história e a personagem narradora de Aliene (aconselhada, viremos a saber, pelo psiquiatra a escrever a sua biografia: o livro que o leitor lê em primeira mão?), uma personagem que fala em discurso direto e chega a dirigir-se àquele na terceira pessoa, em jeito de depoimento ou de entrevista. Daqui decorrendo inevitáveis interferências entre níveis intradieéticos e extradieéticos, porosidades adicionais entre o ficcional e o documental, o romanesco e o biográfico, para regressarmos às oscilações genológicas do livro já atrás comentadas.

Não obstante os *nós* e as ambivalências com que o intérprete deste romance se defronta, não obstante ser possível descrever o presente livro de Carlos Vale Ferraz como (mais) uma “história sobre a colonização”, *O Gémeo de Ompanda* oferece inquestionavelmente ao leitor um leque vasto de “questões essenciais” — a amizade, a agressão, a doença, as migrações, a morte, a procura da identidade, o Bem e o Mal — que o colocam frente a frente consigo próprio e às quais lhe será difícil ficar indiferente, ao mesmo tempo que se permite testar as formas literárias e as poéticas da narração, com isso propondo-nos novos caminhos de leitura.

*Eunice Ribeiro*